

A CONCEPÇÃO DE MORTE NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A PRÁTICA DOCENTE

Maria do Socorro Nascimento de Melo – UFRN

E-mail: socorro219@hotmail.com

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são documentos elaborados ao longo de vários anos de estudos e debates sobre as necessidades de uma escola que possibilite ao educando uma formação que enquadre as principais áreas de conhecimento e sua relação com o mundo natural. Os PCN não vieram para servir como modelo, como uma cartilha pronta e acabada, mas como referenciais nacionais, por mais que se estejam presentes às diversidades regionais e culturais. Devem servir como instrumento de apoio ao professor, auxiliando na execução do trabalho escolar.

Os dez volumes dos PCN, para o ensino das séries iniciais da Educação Fundamental, estão organizados da seguinte forma: Introdução e as áreas do conhecimento, como: Língua Portuguesa; Matemática; Ciências Naturais; História e Geografia; Arte; Educação Física; Temas Transversais e Ética; Meio Ambiente e Saúde; Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Sendo assim, será apresentada uma análise do texto dos PCN, a fim de perceber e registrar como a temática da morte – em especial, a do ser humano – está inserida nesse documento do Ministério da Educação (MEC), embora não serão apresentados todos os dez, apenas quatro – aqueles em que consideramos que a temática da morte esteja mais explicitada, a saber, o de Ciências Naturais, História e Geografia, Apresentação dos Temas Transversais e Ética, Meio Ambiente e Saúde.

No volume de Ciências Naturais, a morte aparece de forma implícita em várias reflexões do referencial como esta: “Hoje, quando se depara com uma crise ambiental que coloca em risco a vida do planeta, inclusive a humana, o ensino de Ciências Naturais pode contribuir para uma reconstrução da relação homem-natureza em outros ter-

mos” (BRASIL, 2000d, p.24). E, de forma mais direta, a morte apresenta-se quando é proposto pelo documento o estudo da interdependência entre os organismos vivos e as relações deles com o meio onde habitam. Estas relações podem ser enfatizadas nos estudos das teias e cadeias alimentares, quando se faz necessária a morte de um ser para que outro sobreviva. A morte também é realçada quando é sugerido pelo referido documento que o professor, em seus procedimentos, valorize a extração de recursos naturais, como o petróleo. Aí se observa a morte na decomposição de restos de seres vivos. Outro conteúdo também a ser explorado é a concepção de corpo humano como um sistema integrado percebido como um todo articulado em equilíbrio, cuja doença deve ser vista como um estado de desequilíbrio do corpo. Dessa forma, o ser humano como ser vivo tem seu ciclo vital: nasce, cresce, desenvolve-se, reproduz e morre. Mas é importante frisar que esse ciclo não pertence apenas ao indivíduo, pois é um processo na vida de cada espécie.

Os PCN de Ciências Naturais, quando tratam dos recursos tecnológicos, enfocam a utilização dos aparelhos, máquinas e instrumentos como produtos necessários à vida humana, atrelando o aumento da estocagem e conservação de alimentos e de remédios ao desenvolvimento da tecnologia brasileira. Porém, afirma que todo esse avanço da indústria alimentícia, da farmacêutica e da medicina não foi suficiente para acabar com a desnutrição e a mortalidade infantil. Isso ocorre devido às desigualdades sociais tão presentes no cotidiano dos brasileiros, principalmente os pobres, que dificilmente acessa essa tecnologia e, por vezes, é excluído por ela. Em consequência dessa exclusão, eles podem até vir a morrer.

Nesse PCN, ao discorrer sobre o ambiente, ficou constatada a sugestão para que o professor, ao explorar o estudo dos seres vivos, ressalte os animais extintos ou em extinção e, ao ater-se ao estudo da reprodução dos vegetais, explore aqueles com ciclo vi-

tal curto (abelha, formiga etc.). Nesses dois estudos, a morte pode ser percebida de modo sutil e subjacente. Além deles, discorrem sobre a saúde do ser humano, porém com a supressão da morte como a etapa final do ciclo da vida, perpassando por fases da vida até a senescência, quando passa novamente ao nascimento através da representação de mulheres grávidas:

Ao investigar o ciclo de vida dos seres humanos o professor pode solicitar aos alunos que colem algumas figuras ou retratos de pessoas em diferentes fases da vida: bebê, criança, jovem, adulto e idoso. A partir dessa coleção, professor e alunos podem organizar um painel em que as diferentes idades sejam apresentadas em seqüência, construindo-se, assim, uma representação do ciclo de vida do ser humano. Essa representação se enriquece com figuras de mulheres grávidas, iniciando novos ciclos. (BRASIL, 2000d, p.71).

No entanto, no mesmo documento, encontro a morte explicitada na seguinte sugestão: “É importante que as crianças entrem em contato com a idéia de que a vida compreende a morte, parte do ciclo vital da espécie humana e de todos os seres vivos” (BRASIL, 2000d, p.72). Também é sugerido que o professor, ao citar a noção de fertilização do solo, enfatize “a ação de seres decompositores sobre os restos de animais e vegetais mortos, beneficiando o solo” (BRASIL, 2000d, p.90).

No volume de História e Geografia, os conteúdos programáticos estão constituídos nesse documento como uma proposta que privilegia o tempo presente, partindo da realidade cotidiana histórico-geográfica do aluno. Eles se apresentam como questões fundamentais: fato histórico, sujeito histórico, tempo histórico, o papel da natureza e a relação existente com a ação individual ou coletiva do homem na construção do espaço geográfico. Discutir o papel da natureza me remete à temática da morte, ao considerar as grandes catástrofes que assolam a humanidade tais como os vulcões, terremotos, ma-

remotos, enchentes e deslizamentos de terra. Mas, se levar a discussão para as realizações humanas, a morte aparecerá como consequência de diversos fatores, como: o desmatamento, as grandes queimadas, o descontrole na densidade demográfica, as péssimas condições de moradia, a ocupação indevida do solo, a contaminação dos rios e dos lençóis freáticos, entre outros. Em todos esses conceitos, fica registrada a ação humana. Isto fica aparente quando se estuda conflitos, guerras e batalhas, enaltecendo os grandes vultos da nossa história ou de outros povos (BRASIL, 2000e). Essas reflexões geralmente trazem à temática da morte de forma clara – de todos os seres vivos – ou nas suas entrelinhas, principalmente se estiverem relacionados com o patrimônio sociocultural de grupos, distantes no tempo e no espaço.

O volume de Temas Transversais e Ética aborda a morte quando se refere que “o trânsito brasileiro é um dos que, no mundo, causa maior número de morte” (BRASIL, 2000h, p.35). Esse documento se refere à violência no trânsito, enfocando à temática da morte de seres humanos por seres humanos. Posteriormente, a morte é ressaltada em um exemplo envolvendo questões que tratam de ser ético ou não o fato de roubar um remédio que pode salvar a vida de uma pessoa que morrerá pela falta dele, o que exige um juízo de valor quanto a deixar uma pessoa morrer em detrimento da violação da propriedade privada (BRASIL, 2000h).

O volume de Meio Ambiente e Saúde enfoca a morte, quando afirma que uma simples alteração de um ecossistema “pode ser nociva e até fatal para o sistema como um todo” e quando é citada que a extensão da monocultura poderá “determinar a extinção regional de alguma espécie” de vegetais ou animais (BRASIL, 2000i, p.20). Ela vai ser citada nas entrelinhas, quando é comentado que, se um desastre atômico viesse a ocorrer, todas as formas de vida seriam afetadas. E ainda acrescenta que “não é só o crime ou a guerra que ameaça a vida, mas também a forma como se gera, se distribui e se

usa a riqueza, a forma como se trata à natureza” (BRASIL, 2000i, p.33). O impacto ambiental provocado pela ação do homem é mais um exemplo da presença da morte nas entrelinhas.

Nesse PCN, ao ater a algumas visões distorcidas sobre a questão ambiental, no item “Falsos dilemas”, observo a presença da morte de forma bastante clara: “É um luxo e um despropósito defender, por exemplo, a vida do mico-leão-dourado, enquanto milhares de crianças morrem de fome ou de diarréia na periferia das grandes cidades, no Norte e no Nordeste” (BRASIL, 2000i, p.45). É considerado falso, segundo o documento, porque não é pelo fato de deixar extinguir qualquer espécie que crianças possam ser salvas de morrer de fome. O que vitima as inúmeras crianças é a falta de condições mínimas de sobrevivência, impostas pela miséria que assola a pobreza.

Outro falso dilema apontado afirma que “se idealiza a natureza, quando se fala da ‘harmonia da natureza’. Como é que se pode falar em ‘harmonia’, se na natureza os animais se atacam violentamente e se devoram? Que harmonia é essa?” (BRASIL, 2000i, p.46). A temática da morte aí presente responde que “O impulso de sobrevivência que leva um animal a matar outro favorece a manutenção do equilíbrio da natureza”; “Os animais matam para se defender ou para se alimentar, mas jamais matam inutilmente”; “Matar e morrer, aqui, são disputas entre formas de vida” (BRASIL, 2000i, p.47). E ainda garante que, na harmonia da natureza, “cada um desempenha seu papel e para tudo há uma função, inclusive para a morte” (BRASIL, 2000i, p.47). Prosseguindo, a morte aparece novamente, mas sem função. É quando a morte devasta a natureza, desequilibrando-a e desarmonizando-a.

Os critérios de seleção e organização dos conteúdos trazem uma sugestão para que o professor, ao tratar a morte na sala de aula de forma integrada, numa rede de interdependência, desenvolva questões de vida-e-morte e outras. E, quando citar os ciclos

da natureza, sugere que trate de como os seres vivos transitam em elos de vida e morte, evidenciando o ciclo da matéria orgânica. No entanto, nos critérios de avaliação, espera-se que o aluno observe as diferentes formas de vida, a existência dos processos de transformação e perpetuação da vida, embora nesse item a morte não seja contemplada. Todavia, no item “Ampliando o horizonte”, o tema da morte está associado ao da saúde, quando se afirma que, “por melhores que sejam as condições de vida, necessariamente convive-se com doenças, problemas de saúde e com a morte” (BRASIL, 2000i, p.91). Ainda nesse item, é tratada a questão da morte prematura devido à desnutrição infantil e a morte por doenças cardiovasculares ocorridas por diversas causas, mas, principalmente, pelo estresse.

Diante dessas evidências que constata a presença da temática da morte nos PCN, é possível uma educação para a morte? Essa pergunta consiste num desafio para aqueles que têm a morte como objeto de investigação teórica e empírica e que investem numa sensibilização sobre o tema da morte. Sabe-se da existência da necessidade de buscar desenvolver conhecimentos, questionamentos e reflexões de preparação do homem para enfrentar a sua finitude e a do outro, enquanto ser vivo e mortal. Quando o homem se interroga acerca da morte, ele faz um fascinante exercício de compreensão da própria natureza humana. Ao olhar a morte, ele vê a si mesmo em sua essência, em sua totalidade, deparando-se com os limites de sua espécie, com o desconhecimento da sua única certeza da condição de estar vivo. A cada dia, essa lacuna se torna um desafio mais urgente na formação pessoal e profissional do ser no lidar com a morte, principalmente quando pesquisas recentes apontam necessidades, desinteresses, dificuldades, desconhecimentos por partes de professoras de séries iniciais do Ensino Fundamental, em relação à morte enquanto objeto de escolarização, confirmando “a denúncia da lacuna” sinalizada por Kovács (2003b).

Nesse sentido, procurei desenvolver meu trabalho monográfico, exigência acadêmica de final de curso, propondo como questões para a minha investigação: os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam essa temática? Como? Que subsídios teórico-metodológicos os docentes podem encontrar nesse documento oficial cujo objetivo é auxiliar as práticas curriculares e didático-pedagógicas exercidas nos estabelecimentos educacionais do país? Como professoras de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental trabalham com o conceito de morte na sala de aula? Como se comportam quando a morte, direta ou indiretamente, se faz presente no seu cotidiano profissional? Como enfrentam a perda por morte de um aluno durante o ano letivo? E, se nunca vivenciaram essa experiência, como pensam que agiriam frente ao falecimento de um aluno? Como lidam com o aluno que, há pouco, sofreu a perda de um ente querido? Por conseguinte, registro o meu interesse em: entender como a morte está/é inserida nas práticas curriculares e didático-pedagógicas; apontar a abordagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais em torno do tema da morte; e compreender as percepções de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental a respeito dessa temática.

Esses questionamentos me conduziram a buscar respostas na análise dos dados coletados através da aplicação de questionário a quatro professoras que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental, no turno matutino, numa escola pública da rede estadual de ensino, situada num bairro da Zona Sul do município de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. Esse instrumento de coleta de dados tentou perceber, principalmente, como quatro professoras – cada uma delas leciona em uma das séries iniciais do Ensino Fundamental – concebem o fenômeno da morte e como o tratam junto aos alunos. Além do questionário como instrumental aplicado, uma análise foi realizada no texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, na tentativa de encontrar trechos que abordassem o tema da morte, bem como de encontrar possíveis orientações didático-pedagógicas aos

docentes brasileiros, a respeito da abordagem do assunto em âmbito escolar, em especial na sala de aula.

No entanto, se há um documento oficial – os Parâmetros Curriculares Nacionais concernentes a níveis diferenciados de ensino – que dá suporte e norteia as instituições educacionais brasileiras nas variadas instâncias da atividade pedagógica, por que ainda existe essa *lacuna*? Por que a morte permanece escamoteada na prática docente nas instituições educacionais? Como negá-la, se há cada dia ocorrem, nas grandes cidades, chacinas que envolvem a morte de dezenas de pessoas e são noticiadas em todos os meios de comunicação, em horário nobre, as quais são vistas e ouvidas, tanto por adultos quanto por crianças? E os casos em que professores e alunos são vítimas dentro da própria escola?

Kovács (2003a; 2003b) defende a possibilidade de uma educação para a morte, mesmo afirmando que seja uma tarefa bastante desafiadora, mas necessária aos profissionais da saúde e da educação, lidando com os seus pacientes e alunos respectivamente. No entanto, essa autora salienta que essa educação não traria fórmulas prontas ou de doutrinação para lidar com a morte. Seria uma educação voltada para o desenvolvimento pessoal, para o aperfeiçoamento e o cultivo do ser, de forma mais integral no meio social no qual ele se encontra inserido. Para Kovács (2003a; 2003b), o espaço ideal onde o homem receberia essa educação seria a escola formal, pois é nela que o homem passa em “média 20 anos”, recebendo os ensinamentos de como conviver em sociedade e, concomitantemente, apreendendo informações que lhe educassem para o fim de sua existência material.

Portanto, a educação não pode deixar de receber influências dos fenômenos naturais e sociais que ocorrem dentro e no entorno da escola, também na esfera mais ampla da sociedade. Nem o professor pode continuar evitando abordar a morte na sua prá-

tica cotidiana, como se ela não existisse ou estivesse fora da sua realidade. É interessante que ele busque conhecimentos voltados a uma educação para a morte, a fim de desconstruir esse tema enquanto tabu na sala de aula, em todos os níveis de educação, a fim de constituí-lo enquanto objeto de conhecimento escolar na prática docente.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ASSUMPÇÃO, Evaldo A. d'. **Dizendo adeus**: como viver o luto, para superá-lo. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução. 3. ed. Brasília, 2001a. v.1.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. 3. ed. Brasília, 2001b. v.2.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: matemática. 3. ed. Brasília, 2001c. v.3.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ciências naturais. 3. ed. Brasília, 2001d. v.4.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: história e geografia. 3. ed. Brasília, 2001e. v.5.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. 3. ed. Brasília, 2001f. v.6.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: educação física. 3.ed. Brasília, 2001g. v.7.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais: ética. 3.ed. Brasília, 2001h. v.8.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: meio ambiente e saúde. 3. ed. Brasília, 2001i. v.9.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. 3.ed. Brasília, 2001j. v.10.

BROMBERG, Maria Helena Pereira Franco. Morte não é castigo, **Isto é**, São Paulo, p.5-9, abr. 1999. Entrevistadora: Janete Leão Ferraz.

COMÊNIO, João Amós. Pampaedia: Educação Universal. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003a.

_____. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003b.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **A morte**: um amanhecer. São Paulo: Pensamento, 1991.

_____. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Tradução de Paulo Menezes. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

OYAMA, Thaís. O duro exercício do adeus, **VEJA**, São Paulo, n.40, p.78-86, out. 1999.

SILVA, Marly da. Meu aluno perdeu o pai. Devo tocar no assunto com ele? O que falar para a turma?, **Revista Nova Escola**, São Paulo, n.163, p.14, jun./jul. 2003.

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte**: desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VOMERO, Maria Fernanda. Morte, **Superinteressante**, São Paulo, n.173, p.36-46, fev. 2002.